

Malunguinho e a Jurema: um olhar histórico e sagrado a partir de um documentário sob as perspectivas do passado, do presente e do futuro

José Bartolomeu dos Santos Júnior^{1,2}

¹Universidade Federal da Paraíba. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. *Campus* Universitário. João Pessoa-PB, Brasil (CEP 58051-900). *E-mail: jbsjr@hotmail.com.

²Secretaria Municipal de Educação. Rua Manoel Lourenço, 16, Centro. Itapissuma-PE, Brasil (CEP 53700-000).

Resumo. Este artigo aborda a importância dos diálogos nas tradições de cultura dos pactos entre as configurações sociais e religiosas, que mostram uma memória dos conflitos sociais entre o passado e o presente na materialidade dos ritos. São apresentadas interpretações históricas e religiosas presentes no filme 'Malunguinho: o guerreiro de Catucá, o rei da Jurema', produzido pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em 2008, tendo como objetivo realizar um estudo analítico baseado em fatos que estão fundamentados na história local/regional e também nas dimensões sagradas da Jurema, religião afro-indígena. Na questão metodológica, foram seguidos os parâmetros de argumentações qualitativas e bibliográficas, com viés descritivo/explicativo, tendo por fundamento as falas dos participantes/entrevistados no audiovisual estudado, bem como em livros e artigos anteriormente publicados. O campo de estudos das Ciências das Religiões favorece os entrecruzamentos e a interdisciplinaridade de conhecimentos, para que o debate do passado esteja no presente, propondo mediações dos contextos de repressão às religiosidades afro-ameríndias, mediante o processo de decolonização dos pensamentos e ações, intencionando equidade, tolerância e respeito.

Palavras-chave: Malunguinho; Jurema; Sagrado; Ancestralidade; Narrativa histórica.

Abstract. *Malunguinho and Jurema: A historical and sacred look from a documentary from the perspectives of the past, present and future.* This paper addresses the importance of dialogues in the cultural traditions of pacts between social and religions configurations, which show a memory of social conflicts between the past and the presente in the materiality of the rites. We presents historical and religious interpretations present in the movie 'Malunguinho: The warrior of Catucá, the king of Jurema', produced by the Catholic University of Pernambuco

Recebido
19/02/2024

Aceito
06/07/2024

Publicado
31/08/2024



Acesso aberto



ORCID

0000-0001-9150-1051
José Bartolomeu dos
Santos Júnior

(UNICAP), in 2008. Our objective is to carry out an analytical study based on facts that are based on local/regional history and also on the sacred dimensions of Jurema, an afro-indigenous religion. In the methodological issue, we are following the parameters of qualitative and bibliographic arguments, with a descriptive/explanatory bias, based on the speeches of the participants/interviewed in the audiovisual analysed, and in books and articles previously published. The field of study of Science of Religions favors the intersections and interdisciplinarity of knowledge, so that the debate of the past is in the present, proposing mediations of the contexts of repression afro-amerindian religiosities, through the process of decolonization of thoughts and actions, intending fairness, tolerance and respect.

Keywords: Malunguinho; Jurema; Sacred; Ancestry; Historical narrative.

Introdução

Albuquerque Júnior (2007, p. 25) afirma que “a evidência é produto de uma certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada”. Por muito tempo, as religiosidades africanas e indígenas no Brasil sofreram forte repressão e perseguição. É muito recente em nosso país o resgate afirmativo no sentido de ouvir e debater para conhecer os universos religiosos não judaicos cristãos. Mesmo que a constituição enfatize o caráter laico do Estado, na prática, ainda persistem preconceitos, demonização e desvalorização das crenças afro-indígenas.

Para dar visibilidade às religiões de origem africana e aos cultos da Jurema Sagrada, o Departamento de Jornalismo, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no segundo semestre de 2008, apresentou à comunidade, um filme sobre Malunguinho, abordando tanto as questões históricas como religiosas em torno desta liderança quilombola que se deificou e é cultuado na Jurema, ou seja, o filme interpela o fenômeno religioso e o sócio-histórico, fazendo conexões com o passado presente no presente futuro.

O objetivo deste estudo é trazer interpretações sobre os discursos do/no filme, pontuando decodificações, com auxílio da história e da fenomenologia, pois “a história e a fenomenologia devem estar unidas: duas ferramentas interdependentes” (Ries, 2019, p. 354).

Metodologia

Este artigo ilustra o percurso metodológico firmado na pesquisa qualitativa e bibliográfica, em que se investiga a trajetória do personagem quilombola Malunguinho e suas vertentes sagradas, organizadas nos terreiros de Umbanda e Jurema, em Pernambuco, contido no curta-metragem “Malunguinho: O Guerreiro do Catucá, o Rei da Jurema” (2008), produzido pelo Departamento de Jornalismo, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no segundo semestre de 2008, dentro do Projeto Experimental em Jornalismo, sob a orientação do professor Alexandre Figueroa.

Resultados e discussão

O filme-documentário em análise conta com a colaboração de considerados pesquisadores e das religiões negras, como o professor Dr. Marcus Carvalho, o professor Hildo Leal Rosas, o professor João Monteiro, o político Isaltino Nascimento, o babalorixá Sandro de Jucá, a yalorixá Mãe Lúcia de Oyá, dentre outros.

Identifica-se, nos dizeres e imagens do filme, uma nova visão, que tenta romper com as taxações negativas e depreciativas das negritudes, expondo novas reflexões doutrinárias (novas ou desconhecidas pela maioria das pessoas?), pois

A hermenêutica trata a religião, e também as imagens religiosas, como textos. Para serem compreendidas, as imagens não devem apenas ser referidas aos textos linguísticos que se suscitaram, as acompanham ou as interpretam, mas devem ser consideradas em si mesmas como textos. Isso é verdade tanto das imagens isoladas quanto das imagens organizadas em sequências, como os filmes ou as histórias em quadrinhos. Assim como um texto oral ou escrito, a imagem não é apenas um conjunto heteróclito de símbolos, mas ela é também uma narrativa que conta, ou melhor, torna presente uma história, mesmo se ela condensa essa história numa única cena (Higuet, 2018, p. 151).

Para Higuet (2013, p. 457), a hermenêutica tem como finalidade as interpretações e compreensões de variadas subjetividades e ainda explica que nas obras de arte (como no filme estudado) o espiritual torna-se material e a obra passa a ser/ter um princípio ativo, com capacidades de (re)produzir-se e de (re)significar-se (Higuet, 2018, p. 129). É sobre essa vertente plural do Malunguinho, que é um herói, um parente, um líder e um ser sagrado. É sobre ele que serão formuladas/esboçadas memórias, com o auxílio de profissionais que já escreveram sobre ele e/ou sobre a Jurema.

Malungos passados no registro da história e no presente da Jurema

A colonização portuguesa na América deixou marcas profundas prejudicando de maneira imensurável as culturas das tribos indígenas e das nações africanas que vieram para cá forçados, com o intuito de servir como mão de obra nas atividades econômicas e sociais (Luciano, 2006). Os afro-indígenas resistiram de variadas formas e uma delas foi a organização de quilombos em todo o território do Brasil colônia e império. O Quilombo de Palmares, em Pernambuco, no século XVII, sob a liderança de Ganga Zumba e Zumbi, existiu na Serra da Barriga e venceu várias investidas do governo português, mas em 1694 os aquilombados foram mortos e dispersos do local e Zumbi foi assassinado, em 20 de novembro de 1695 (Carneiro, 1958).

No século XIX, a Província de Pernambuco novamente é palco de novas organizações quilombolas, genericamente denominadas de Catucá, que em Tupi significa “mata boa” ou “bastante mato” (Baracho, 2014). Para Carvalho (1991), as revoltas das elites, na primeira metade do século XIX (1817, 1821, 1824), favoreceram o erguimento dos mocambos que foram surgindo nas matas próximas ao Rio Beberibe, em Recife, até as matas da Freguesia de São Lourenço de Tejucupapo e da Vila de Goyanna. No filme, o historiador Hildo Leal Rosas ler um documento histórico do período, que se refere à morte de um dos líderes dos aquilombados:

Levo ao conhecimento de vossa excelência os dois ofícios inclusos do juiz de paz do Terceiro Distrito de Igarassu, de um dos quais consta que fora morto o chefe da quadrilha de Catucá, João Batista.

No curta metragem é registrado o que Ricoeur (1997, p. 316) chamou de entrecruzamento da história e da ficção, afirmando que eles “só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra; essa concretização corresponde na teoria narrativa, ao fenômeno do ‘ver como’”. Como Malunguinho era e é visto? O coordenador do Quilombo Cultural Malunguinho, mestre em Ciências da Religião (UNICAP), Alexandre L’omiL’odó, diz que ele era e ainda por vezes é classificado como marginal. Em uma de suas falas no vídeo avalia que na documentação oficial (tradicional?) nunca será encontrada uma citação positiva em relação à Malunguinho. Ainda recorda seu caráter atravessador de tempos ao ser histórico e divino. Vejam o seu pensamento:

Malunguinho era tido como marginal; era tido como uma peça negativa dentro da organização do Estado de Pernambuco, né? Ele foi muito negativo, na história você vai encontrar isso; na documentação histórica você nunca vai encontrar uma citação positiva de Malunguinho. A história foi escrita e atende aos interesses dos brancos, dos católicos, que dominaram esse país né? E que dominam até hoje ainda infelizmente. **É mais essa história de Malunguinho, ele agora demonstra com seu poder, que ela vai transpassar essa barreira do limite da historiografia. Porque a gente entende hoje que ele é histórico e ele é divino. Ele tá registrado na história, mas ele tá, na realidade de hoje, dentro da Jurema, conversando com a gente pessoalmente (grifado).**

Então, ele é “um evento que carrega a marca do presente e, por conseguinte, a do passado ou do futuro” (Ricoeur, 1997, p. 319). Compondo novos paradigmas, a figura de Malunguinho foi assumindo papéis relevantes, tanto que trouxe a cena “funções informativas, comunicativas, afetivas, religiosas, ideológicas, identitárias, etc, ao mesmo tempo ou sucessivamente” (Higuet, 2018, p. 136). Ou seja, Malunguinho e suas histórias seriam fruto de um constructo dentro da Jurema, perpassando como um fenômeno (ou variados fenômenos) sagrado(s) dos ritos, mitos e continuidades que L’omiL’odó conceitua como Juremologia, que é o estudo da Jurema Sagrada.

A fenomenologia enquanto descrição pré-reflexiva das atitudes de consciência ligadas às imagens, parte da estrutura intencional da consciência, que determina o modo do sujeito se relacionar com o seu mundo e com as suas representações. Ela entende as imagens como visadas intencionais do sujeito. Assim, o sentido religioso de uma imagem simbólica só existe como resultado de uma intencionalidade crente que estabelece a imagem como representação simbólica (Higuet, 2018, p. 152-153).

Esse fenômeno religioso denominado Malunguinho está vivo para o crente que entoa músicas, nos cantos/toadas de invocação, no sagrado das matas, das folhas e plantas, nos banhos de erva, na defumação (fumaça) com ervas, nas rezas e em práticas cotidianas (por exemplo, fazer chás) que se somam a outros contextos. É uma dinamicidade constante, “essa experiência vivida tem um significado e a fenomenologia quer estudar os fenômenos religiosos na sua expressão, na sua estrutura e no seu próprio significado” (Ries, 2019, p. 349). Sobre as religiões da Jurema, também conhecidas como Catimbós, Sampaio (2015) informa que:

Podemos entender o Catimbó e a Jurema como práticas religiosas que possuem concepções e representações em torno da planta também

denominada Jurema, que é tida como sagrada. Embora haja inúmeras controvérsias, os dados levantados permitem afirmar que a denominação Catimbó era a mais utilizada para as práticas mágico-religiosas presentes especialmente entre os indígenas do nordeste brasileiro ou ainda na região amazônica como apontam alguns autores. Essas práticas mágico-religiosas, com grande foco na cura dos males da alma e do corpo, herdada dos indígenas, irão mesclar-se com o catolicismo popular, com o Espiritismo, a Umbanda e o Candomblé, configurando-se no que se passará a denominar mais frequente, especialmente a partir dos anos [19]70, de Jurema. Vale ressaltar que a palavra “Jurema” é polissêmica. Presente nas “Mesas de Catimbó”, tratava-se da bebida ritual, feita a partir da tronqueira da árvore chamada Jurema. Desde então denomina, além da bebida e da árvore, uma religião - a Jurema ou a Jurema Sagrada, como vem sendo chamada, o rito a serrealizado - Jurema de chão, Jurema batida, etc, uma cidade encantada, o “reino dos mestres”, a dimensão espiritual, dentre outras significações (Sampaio, 2015, p. 347).

Muitos elementos referenciados por Sampaio (2015) estão presentes no filme. O próprio termo Jurema, dentro da língua portuguesa, carrega múltiplos significativos enquanto planta (existem vários tipos), bebida, religião, ritual (ou rituais) e reino(s) divino(s). Na fala do Pai de Santo Sandro de Jucá estão vários contextos descritos por Sampaio (2015), dentre os quais se destaca:

Ele é o responsável pela abertura da Jurema como Exu. Malunguinho é uma entidade como um pajé de uma Jurema, como o chefe de uma Jurema. Malunguinho vem junto com os índios, Malunguinho vem junto com os caboclos; os índios de mata, que tinham a condição de desbravar vários caminhos: pelo conhecimento das folhas, das tribos, dos caminhos; Malunguinho como mestre sendo conhecedor das técnicas de guerra, de defesa; Malunguinho também era conhecedor das ciências de cura, a ciências das folhas, de como curar uma mordida de cobra, como cuidar uma enfermidade, e hoje, na espiritualidade, Malunguinho traz para as pessoas, os consulentes dos terreiros, o banho de ervas, qual a cura necessária para um problema de saúde, seja ele espiritual ou material.

O local de onde o Pai Sandro fala é um Terreiro de Umbanda ou Candomblé. Por conta das imagens de santos católicos (catolicismo popular), identificam-se Nossa Senhora da Conceição e Padre Cícero, além de outras imagens negras/pretas de Malunguinho, como mestre, caboclo e exu. Exu é uma divindade do Candomblé, então se tem mais uma imbricação religiosa. Variadas folhas que remetem ao sagrado da natureza cultuada também no Candomblé. João Monteiro nota também que Malunguinho deificou-se e foi perpetuado dentro da Jurema por conta da oralidade, da transmissão mítica do contar histórias antepassadas, pois só conhecia Malunguinho aqueles que o cultuavam na religião. Até a década de 1990 ele não era conhecido pelos historiadores/pesquisadores. O Malunguinho divino já era socializado nos toques de Jurema, mas os juremeiros não sabiam que Malunguinho teria sido um ser social existido e liderado negros escravizados marcados como marginais nas lutas quilombolas do século XIX.

Em seu discurso, Hildo Leal Rosas faz comparações entre as figuras de Zumbi dos Palmares e Malunguinho dos Catucás. Diz que é muito recente o resgate de Zumbi e mais ainda o de Malunguinho. ‘Hoje, a comunidade negra, afrodescendente pernambucana está assumindo Malunguinho como um de seus heróis’. Mas, a Jurema já o assumiu enquanto

sacralidade há bastante tempo. É por essa razão que Guillen (2016) sistematiza que os cultos aos

Ancestrais são recursos que tem permitido aos movimentos negros em Pernambuco e a seus militantes, estabelecerem relações com um passado que não necessariamente é tratado como um passado histórico, já que como pudemos ver, aparece muitas vezes mitificado e heroificado (Guillen, 2016, p. 104).

Malungo é tronco linguístico da etnia banto. Malungos eram aqueles e aquelas escravizados(as) que mesmo de tribos diferentes sofreram a travessia do Oceano Atlântico no mesmo tumbeiro e tornaram-se irmãos, companheiros perante as dificuldades sofridas. Os bantos têm em seu cotidiano o costume de glorificar/cultuar os ancestrais que se destacaram na resistência de dominação pelos europeus, que impuseram suas concepções de ser e viver como corretas e verdadeiras. Logo, quem teve conhecimento de Malunguinho retransmitiu as notícias de forma oral e passaram a venerar tais pessoas como dignas de cultuação/perpetuação, estando aí a raiz da deificação dos Malunguinhos, que quando vivos, em suas lutas, eram conhecidos como “Valentim, Manuel Gabão, João Batista, João Pataca, João Bamba, Manuel Galo, José Brabo, Antônio Canundá, entre outros” (Santos Júnior, 2022, p. 64).

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado; a recordação é, pois um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que boiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um mundo novo (Albuquerque Júnior, 2007, p. 202).

Seja na história ou na religião da Jurema Sagrada, Malunguinho tem essa conotação, de se refazer, de se reconstruir por meio dos elementos, igual a um grande quebra-cabeça que vai sendo formado, articulado e organizado, criando (ou recriando?) novas elucidações, congregando valores da/na Jurema, dos encantados, caboclos e pretos velhos. Surgiu em 2006 uma festividade com o título de Kipupa (do quimbundo, significa agregação, união, encontro). Veja-se o que Sena (2011) registrou:

O Kipupa Malunguinho é um encontro que já faz parte do calendário cultural pernambucano, criado em 2006 pelo Quilombo Cultural Malunguinho (Organização não-governamental que luta no combate à intolerância religiosa), com o objetivo de celebrar a memória do líder quilombola João Batista conhecido também como Malunguinho, morto em 18 de setembro de 1835, em terras de seu antigo quilombo, o Catucá. Reunindo representações das tradições culturais negras e indígenas pernambucanas, o evento compõe uma experiência de troca de saberes e de contato com a sociedade afro-religiosa, com diversos artistas e mestres que contribuem para a realização deste que é um dos maiores eventos em matas fechadas do Nordeste (Sena, 2011, p. 331-332).

No filme, também agregou a fala e a ação do então deputado estadual Isaltino Nascimento, que, em 2007, propôs uma audiência pública onde varias representações dos terreiros e cultos afro-indígenas fizeram-se presentes na Assembleia Legislativa e nesse encontro foi formulada a ideia de uma lei estadual que pudesse marcar em Pernambuco essa temática. Daí foi elaborada e aprovada a Lei nº 13.298/2007 (Pernambuco, 2007), que define, no Calendário Oficial do Estado, a Semana da Vivência e Prática da Cultura

Afro-Pernambucana, entre 12 e 18 de setembro de cada ano, revogada pela Lei nº 16.241/2017 (Pernambuco, 2017), que cria o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas do Estado de Pernambuco, mantendo a Semana da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana na mesma data.

A Lei nº 16.241/2017 (Pernambuco, 2017) ainda elucida que esta data comemorativa é um ato de reconhecimento do resgate histórico do líder quilombola assassinado em combate em 18/09/1835, demonstrando ainda que há diferentes maneiras de festejar essa semana, que pode ser por meio de atividades sobre a história da África e história afro-brasileira, cultura de resistência do povo negro no Brasil, história das religiões de matriz africana, história dos quilombos no Brasil e em Pernambuco, relações de gênero e transgênero, discriminação e preconceito racial.

A pluralidade cultural negro-indígena vem à tona se afirmando enquanto tal e procurando estender a liberdade de culto aos terreiros afro-pernambucanos. A luta é contra a intolerância, a favor de um frutífero diálogo inter-religioso e da construção de uma nova consciência cultural em que predomine: a paz entre povos, entre um e o “outro”, e entre as múltiplas formas de ver, sentir e viver o mundo (Sena, 2011, p. 341).

Mãe Lúcia termina seu depoimento no filme propondo reflexões históricas e esperançosas do verbo esperar, de que as exposições e debates da/na película e que ocorrem no dia a dia da sociedade em diferentes espaços sejam valorizados(das) como lições de vida. ‘Não é a história que os outros nos contam!’ Ela quer dizer que Malunguinho não é uma história longínqua, distante e imutável; Malunguinho é fraternidade, solidariedade e confiança. Como dizem muitos juremeiros: Malunguinho vive dentro de mim, dentro de nós! Saravá!

Considerações finais

Dezenove Malunguinhos, catucando o passado; de Beberibe a Goiana, quilombo vivo dentro de nós. Malunguinho, divindade quilombola, rei da mata, dos terreiros e espírito, Juremas, enraizando outros futuros, malungo sangue afro-pernambucano, descendência guerrilheira, poesia, militância, negritude, pelos séculos, a mesma luta, a florando outros negros, Malunguinho, mestre guerreiro. - Poeta Malungo.

À luz das Ciências das Religiões, foi possível inventariar apontamentos e descrições sobre a Jurema Sagrada e sobre as Histórias quilombolas. Neste artigo, foi examinado o líder quilombola de Catucá, Malunguinho, através de um curta metragem e de pesquisas de autores que, como constitui Burke (2008), vem sendo interpretados pela História cultural das religiões, baseados na hermenêutica fenomenológica. Águas passadas movem o passado no presente e o presente no passado, dando novas significações, bricolagens e intenções, pois “o passado pode ser transmitido e retomado como um modelo para se tornar uma recriação no presente e ser transmitido ao futuro” (Capalbo, 2008, p. 104).

Ricoeur (1997, p. 196) categoriza essas práticas como aporias, como algo que fosse impossível de obter respostas ou conclusões definitivas, imutáveis, e essa relação comportam muito bem a Jurema Sagrada e Malunguinho. Nem o filme, tampouco nenhum trabalho escrito dará conta da grandeza e da complexidade deste hibridismo afro-indígena cristão brasileiro. Pode-se dizer que o filme e as obras escritas que aqui foram citadas são frutos de um grande encontro cultural, em que transita o histórico, o sagrado e as subjetividades de um povo em registros que perpetuam e enaltecem o real, o imaginário, enfim, a vida (re)vivida por entrecruzamentos de crenças.

Neste final, entoa-se uma loa de um coco cantada por mestre Galo Preto:

Ele foi muito perseguido,
por não adotar o sistema;
mas a gente adorou:
Malunguinho, Rei da Jurema!

E que venham/surjam novas interpretações!

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há interesses financeiros concorrentes ou relações pessoais conhecidas que possam ter influenciado as inferências relatadas neste artigo.

Referências

- Albuquerque Júnior, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.
- Baracho, L. M. S. **Feridas da transposição do São Francisco: um olhar sobre comunidades quilombolas do Semiárido Pernambucano** Recife: Fundação Oswaldo Cruz, 2014. (Dissertação de mestrado).
- Carneiro, E. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª, Brasileira, v. 302).
- Carvalho, M. J. M. O Quilombo do Catucá em Pernambuco. **Caderno CRH**, n. 15, p. 5-28, 1991.
- Burke, P. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Capalbo, C. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.
- Gonsalves, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 6. ed. Campinas: Alínea, 2018.
- Guillen, I. C. M. Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco. **Revista África(s)**, v. 3, n. 6, p. 90-106, 2016.
- Higuet, E. A. Hermenêutica da religião. In: Passos, J. D.; Usarski, F. (Orgs.). **Compêndio de Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- Higuet, E. A. Contribuição dos estudos de cultura visual para as Ciências da Religião. In: Silveira, E. S. (Org.). **Como estudar as religiões: metodologias e estratégias**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Luciano, G. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação; LACED/Museu Nacional, 2006.
- Malunguinho: O Guerreiro do Catucá, o Rei da Jurema. Produção: Luís Otávio, Diego Mendes, João Batista Júnior. Local: Youtube, 2008. On line. Disponível em: <<https://youtu.be/OvQpnTpMIno>>. Acesso em: 9 dez. 2021.
- Passos, J.; Usarski, F. (Orgs.). **Compêndio de Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- Pernambuco. **Lei nº 13.298, de 21 de setembro de 2007**. Institui no calendário oficial do Estado de Pernambuco a Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana. Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=1321>>. Acesso em: 9 dez. 2021.

Pernambuco. **Lei nº 16.241, de 14 de dezembro de 2017**. Cria o calendário oficial de eventos e datas comemorativas do Estado de Pernambuco, define, fixa critérios e consolida as Leis que instituíram Eventos e Datas Comemorativas Estaduais. Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=16241&complemento=0&ano=2017&tipo=&url>>. Acesso em: 9 dez. 2021.

Ricoeur, P. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

Ries, J. **A Ciência da Religião: história, historiografia, problemas e método**. Petrópolis: Vozes, 2019.

Sampaio, D. S. Concepções e ritos de morte na Jurema paraibana. **Religare**, v. 12, n. 2, p. 344-369, 2015.

Sampaio, D. S. Catimbó e Jurema: uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. **Debates do NER**, v. 2, n. 30, p. 151-194, 2016. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.63469>

Santos Júnior, J. B. **Africanidades brasileiras na sala de aula: identidades e (re)conhecimentos**. Curitiba: CRV, 2022.

Sena, J. R. F. Kipupa Malunguinho: quilombo, festa, arte, religião, política e prazer. In: Marques, L. C. L. (Org.). **Anais eletrônicos do V Colóquio de História: perspectivas históricas - historiografia, pesquisa e patrimônio**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2011. p. 331-344.

Xavier, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, tcc, projeto, slide. Recife: Rêspel, 2010.



Informação da Licença: Este é um artigo Open Access distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.